

Cinquenta
minicontos de
terror



Batuta Ribeiro



**Cinquenta minicontos
de terror**

Batuta Ribeiro

Todos os direitos reservados ao autor © 2015

ISBN: 9781311142818

Índice

[1](#)
[2](#)
[3](#)
[4](#)
[5](#)
[6](#)
[7](#)
[8](#)
[9](#)
[10](#)
[11](#)
[12](#)
[13](#)
[14](#)
[15](#)
[16](#)
[17](#)
[18](#)
[19](#)
[20](#)
[21](#)
[22](#)
[23](#)
[24](#)
[25](#)
[26](#)
[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[47](#)

[48](#)

[49](#)

[50](#)

1

A mocinha possuída gira a cabeça em 360°. O padre, abismado, diz:
— Puta merda, faz de novo!

2

Acorda no meio da noite com um barulho esquisito - TAK TAK TAK – acende a luz. Vê o fantasma de uma garota – cabelos crespos, desgrenhados; pele pálida, cadavérica; olhos inchados, arroxeados; boquinha sem dente...

— Credo, não dá pra ser uma assombração mais bonitinha?

3

O telefone toca. Mas o fio nem está plugado. A velhinha coça a cabeça:

— Deve estar quebrado!

Atende.

— Sete dias...

— Quem? Izete Dias? Fala mais alto!

4

— Maria sangrenta! – repete três vezes diante do espelho.
Entristece, nem ela quer vê-lo.

5

Desconfiada de que havia um fantasma em casa, deixou uma câmera gravando 24 horas no corredor. A câmera flagrou um espectro.

— E agora?

Postou o vídeo no youtube.

6

— Me leve pra casa, sim?

Ela pediu para deixá-la em frente ao cemitério.

No segundo encontro, a mesma coisa. Passou o namoro inteiro a deixando em frente ao cemitério.

Marcaram o casamento.

Quatro horas de atraso, e ele, de pé no altar, ainda acredita que a noiva virá.

— Vou arrancar a sua pele e fazer um vestido com ela! Vou arrancar seus dentes e fazer um colar! Vou arrancar seus olhos e fazer dois chaveiros! Vou arrancar seus cabelos e fazer uma peruca! Vou arrancar suas orelhas e fazer um guisado! E com esse seu narizinho eu vou fazer um apontador de lápis!

8

— Este cubo é a chave para um mundo de prazer sem fim.

O homem comprou. Levou pra casa e passou a tarde tentando resolvê-lo. Passou o dia seguinte tentando resolvê-lo. Deixou de ir trabalhar, de sair, de comer... Ao cabo de uma semana, já estressado, pegou uma marreta e quebrou o cubo mágico em pedacinhos.

9

Um caipira achou um meteoro na sua fazenda. Ao pegá-lo, transformou-se um zumbi. Passado um mês, metade da população mundial era zumbi. Outro mês depois, a outra metade também.

Após um milhão de anos, um zumbi caipira achou um meteoro na sua fazenda. Ao pegá-lo, transformou-se em humano.

10

Em uma ilha remota do oceano, um grupo de médicos fazia experiências radioativas em animais – até que chegou um cruzeiro de turistas aposentados.

11

Bete era uma linda prostituta e seu marido era um psicopata. Ela abordava os homens na rua e os levava para sua casa. Assim que o cliente pagava o programa, o marido chegava por trás e POW! Dava-lhe uma paulada na cabeça.

Quando os clientes acabam, Bete e seu marido vão para outra cidade.

12

A boneca parecia possuída – se colocava no armário, ela aparecia na cozinha; se colocava no porão, aparecia no armário.

Jogaram-na no lixo – ela apareceu na sala – paredes rabiscadas com escritos: “Eu nunca vou embora”.

Sem paciência, o velho fala pra menina:

— Traz o trabuco pro papai!

Com arma em punho, acerta quatro tiros na boneca.

Desde então, nunca mais saiu do lugar.

13

Senta-se. A cigana olha a bola de cristal, e diz:

— Você vai morrer em breve!

— Jura?

— E vai ser hoje!

— Como?

— Em um assalto!

— Vão me assaltar?

— Sim, e se você não der o dinheiro, morrerá.

— Eu dou! Eu dou!

— Então dá!

A cigana mostra o revolver.

14

Acordou e saiu correndo pelo corredor.

— Esse avião vai cair! Vai cair! Eu sonhei! Eu sonhei! Todos vamos morrer!!!

Chegou na cabine do motorista e pediu para descer do ônibus.

15

Atendeu o celular.

— Sabe de uma coisa? Hoje você morre! – falou a voz do outro lado da linha – estou dentro da sua casa. É melhor se esconder.

— Liga mais tarde, estou preso na transito.

16

Contratou uma equipe de paranormais para investigar a casa. Estava ouvindo vozes e batidas na porta.

A equipe nada encontrou de fantasma ou coisa parecida, apenas acharam a esposa dele trancada no porão.

— Mate! Mate sua família! – sussurrou uma voz no pé do ouvido. Saiu do porão com uma espingarda. Entrou no quarto dos irmãos – eles estavam mortos em cima da cama. Foi para o quarto dos pais – achou seu pai com um tiro na cabeça.

Virou-se e viu a mãe apontando-lhe o revólver.

— Você também ouviu a voz?

BANG! Bem no meio da testa.

18

— Meu carro quebrou aqui perto, será que posso usar seu telefone?
— perguntou para o sujeito.

— Como não? Pode entrar.

Enquanto discava o número, percebeu uma mancha de sangue no chão e um dedo cortado. Olhou para o homem e este abriu um sorriso amarelo.

— Socorro, pelo amor de Deus! – gritou a voz de uma mulher.

— O que é isso?

— Não é nada, é só minha esposa, ela está naqueles dias... Sabe como é, né? Licença.

O sujeito entrou por uma porta.

A mulher ficou com o telefone no ouvido, enquanto escutava gritos de dor.

O dono da casa saiu pela porta com a roupa suja de sangue.

— Conversei com ela, está mais calma.

Depois de ligar para o guincho, a mulher agradeceu e foi embora.

19

O canibal vivia isolado na ilha se alimentado dos pobres náufragos que ali vinham parar.

Um avião caiu naquela ilha. Sobreviveram seis pessoas. Em três dias, quatro pessoas morreram. Os sobreviventes não achavam comida, nenhuma frutinha.

— Vamos ter que comê-los!

— Nunca, eles são nossos amigos.

No meio da conversa, apareceu o canibal. Os dois sobreviventes olharam para o canibal, e o canibal olhou para eles, e todos disseram (com água na boca):

— Comida!

Lá vem o jardineiro com sua tesoura de jardinagem. Para as flores e plantinhas, ele é um poeta, cuida do jardim como se escrevesse um poema para sua amada.

E nas madrugadas, em becos escuros ou terrenos baldios, usa sua tesoura para cortar dedos de moças indefesas, e algumas vezes, até corta-lhe as orelhas como se cortasse um botão de rosas.

21

O estudante saiu da faculdade e foi para o estacionamento. Apertou o alarme para destravar a porta. Assim que abriu a porta, surgiu um mendigo.

— Tenho fome.

— Desculpe, amigo, não tenho nada nos bolsos.

— Tenho fome.

— Estou sem dinheiro, já disse.

O estudante entrou em seu carro, deu a partida e saiu. Quando estava quase saindo do estacionamento, outro mendigo entrou na frente do carro. Surgiram vários mendigos e cercaram o carro.

Um mendigo abriu a porta e jogou o estudante no chão.

— Por favor, peguem tudo – disse, tirando a carteira do bolso.

Um mendigo deu uma mordida em sua mão e ele largou a carteira. Outro mendigo agarrou seu braço e começou a morder.

— Socorro! – gritou o estudante. O primeiro mendigo chegou por frente e arrancou seu nariz com uma dentada.

— Por aqui! Por aqui – pede a mocinha, puxando o rapaz pela mão.

— Onde você está me levando?

Andam pelo meio do mato. É noite. Chegam perto de uma cabana.

— É ali! – aponta a mocinha.

O rapaz, de pau duro na calça, a segue até lá.

Ela acende uma vela.

— Sua safadinha, é aqui o seu ninho do amor?

— Tira a roupa!

Ele obedece, fica nuzinho.

— Chupa essa piroca!

— Chupo sim.

Ajoelha-se.

— Que gostoso! – suspira, sentindo a boquinha de veludo.

Sente-se fraco. Olha pra baixo. Sangue escorre pela boquinha da menina. Desmaia no chão, e ela, chupa seu sangue até acabar.

No velório do senhorzinho de noventa anos, um homem chega e consola a velhinha que ficou viúva.

— Coitadinho, finalmente descansou – diz, por educação. No que a velhinha responde: — Descansou os cambaus, fazia quarenta anos que esse traste era aposentado.

Três dias sem fumar uma pedra – estava enlouquecendo, precisava fumar um cachimbinho, pelo menos um. Onde arrumar dinheiro? Onde?

Tarde da noite, bateu na porta – nas costas escondia um cano de ferro.

Um velho atendeu.

— Quero dinheiro!

— Vá embora ou eu chamo a policia!

Acertou a perna do velho com o cano de ferro. Ele caiu no chão.

— Onde está a grana?

— Por favor, não faça isso! – suplicou.

PAIM – bateu outra vez, desta vez, o cano pegou no ombro.

— Me fale onde está o dinheiro!

— Não tenho dinheiro...

Pisou em cima da perna dele.

— É melhor não me enrolar.

— Eu preciso do dinheiro, mais do que você.

— Precisa mesmo, seria para comprar outra dentadura? – dizendo isso, chutou a boca do velho – a dentadura caiu no chão, e ele pisou em cima.

— A próxima coisa que vou arrebentar vai ser a sua cara se não me disser onde está a porcaria do dinheiro.

Humilhado e com medo de apanhar mais, o velho, com a boca sangrando, revelou:

— Na cozinha, debaixo do pote de açúcar.

— Assim espero.

Foi até a cozinha. Sim, o dinheiro estava debaixo do pote de açúcar – cerca de quinhentos reais.

Voltou à sala.

— Agora vá embora e me deixe em paz! – suplicou o velho, com os olhos lacrimejantes.

Antes de sair, o rapaz falou, em tom blasé:

— Desculpe, pai.

Estava descalço e com as mãos algemadas. A porta de saída ficava no fim do corredor – só que havia um tapete de cacos de vidro até lá.

Talvez não fosse uma boa idéia desobedecer a mamãe e sair para brincar.

Com dezenove anos era uma top model de sucesso. Magra, peitos pequenos e bunda ossuda, qualquer lugar virava passarela por onde passava.

Depois de qualquer refeição, corria para o banheiro.

“Eu sou uma top model”, dizia para seu reflexo na água misturada ao vômito.

Sua beleza cadavérica era invejada por suas colegas e por milhares de garotas que sonhavam em ser uma top model.

Mesmo que a balança acusasse vinte e cinco quilos, ela achava que estava pesando mais de quarenta.

Agora nem comia mais uma folha de alface, bebia apenas um copo de água com uma pitada de açúcar e nada mais.

No cabo de um mês, seu peso era de dezesseis quilos.

Levantou-se de manhã, e foi até o espelho. Seu corpo não tinha mais pele, era simplesmente um esqueleto com órgãos internos.

— Estou linda de morrer! – um segundo depois, toda sua ossada se desmanchou no chão.

Com a super lotação, o diretor decidiu transferir 50 doentes mentais para outro hospício.

Para fazer a transferência, o diretor alugou um ônibus e contratou um motorista credenciado para lidar com “loucos”.

— Qual sua experiência com doentes mentais? – perguntou o diretor ao motorista.

— Minha mãe era retardada. Meu pai a levou em um culto, e o pastor disse que minha mãe estava possuída pelo demônio.

— E o que o pastor fez para ajudá-la?

— Nada, já meu pai batia nela todos os dias.

No dia marcado, os 50 pacientes embarcaram no ônibus sem saberem que iriam para outro hospício.

No meio da viagem, Boris sentiu sede, e parou no primeiro restaurante que encontrou à beira da estrada.

Antes de sair do ônibus, ele pediu:

— Fiquem bem quietinhos, já que eu volto!

Quando voltou pro ônibus, Bóris tomou um susto – todos os doentes mentais tinham fugido.

— Eu estou ferrado! – disse.

Na primeira cidade em que entrou, Bóris procurou por um ponto de ônibus lotado e ali parou abrindo a porta.

Os passageiros embarcaram crentes de que voltariam pra casa.

— Quanto vocês pagam por cena?

— Quinhentos reais.

Topou na hora. Foi até o estúdio.

— Quem vai ser minha parceira? – perguntou ao diretor.

— É a Lena.

Mostrou a cadela morta.

— Se topar fazer esse pornozinho, você vai ganhar um milhão. O que me diz? É só escrever seu nominho no contrato.

— Mas esse negócio de estuprar a minha mulher e o meu filho...

— É só uma vez, coisa de quinze minutinhos cada cena.

— Só seu eu puder usar uma máscara.

— Fechado.

Chegou em casa – a esposa estava deitada no sofá. Não havia janta pronta.

— Cadê a comida? – perguntou.

A esposa não respondeu.

— Pode ficar aí dormindo, não estou com fome mesmo.

Foi dormir. Acordou. Na cozinha, não achou café da manhã.

Ao ver a esposa deitada no sofá, falou:

— Vou trabalhar e só volto de noite. Quando eu chegar, é bom que a casa esteja limpa, e quero ver a comida no fogão!

Saiu batendo a porta. Voltou do trabalho quase à noitinha.

— Ainda deitada? Não é possível! – falou, aproximando-se do sofá. Parou perto dela, fungou, e comentou:

— Querida, você precisa de um banho, o seu cheiro não está nada bom.

“Eu não posso deixar isso continuar”.

Pensa a mulher ouvindo seu marido estuprar a filha no quarto ao lado. A menina só tem doze anos.

— Por favor, para! – pede a menina em prantos, mais uma vez.

A mulher fecha os olhos. Até quando vai deixar aquele monstro abusar de sua filha?

Vai até a cozinha e pega uma faca. Entra no quarto. Avança sobre Orlando, mas ele é mais forte, e tira a faca de suas mãos.

— Por que fez isso? – pergunta Orlando, jogando a mulher no chão.

A menina continua deitada na cama, nua, chorando, e conta o número de facadas que o padrasto desfere em sua mãe.

Orlando olha para a menina. Aproxima-se da cama com a faca erguida. Ela sabe o que ele tenciona, por isso não tem medo, pelo contrário, fica feliz.

Ao receber a primeira facada em seu peito, ela pensa:

“Estou livre”.

Ela disse que amava outro. Não a vejo desde seu velório.

Está caminhando quando um gato preto cruza seu caminho. Corre atrás do gato, pula o muro, entra na casa de gente estranha, revira os móveis, encurrala o bicho no canto.

— Saia da minha casa ou eu chamo a policia! – grita o homem.

Sai correndo da casa com o bicho na mão. Passando por um canil, o joga por cima do muro.

Olhou pela janelinha e viu um monstrinho quebrando a asa do avião. Pensou em avisar a aeromoça, só que imaginou tudo: “quando ela vier ver, o monstrinho vai se esconder e eu vou me passar por louco”.

Tomou outra dose de uísque, fechou a cortina e voltou a cochilar.

O avião caiu.

Com um revolver, rendeu a vítima.

— Vem cá, benzinho! Se achega mais aqui no escuro. E sabe, né? Se fizer gracinha eu dou tiro.

No escuro, teve de chupar a buceta peluda, suja e com cheirinho de bacalhau. Chupou até a gordona gozar litros.

O estudante não teve coragem de ir à polícia denunciar o crime.

Madrugada do dia 25. Pedro acorda ao ouvir barulhos.

— O que foi, amor? – pergunta a esposa, vendo o marido se levantar.

— Fique aqui.

Pedro sobe na cadeira e pega uma escopeta em cima do guarda-roupa.

Ele sai do quarto e vai andando nas pontinhas dos dedos pelo corredor. Ouve outro barulho – veio da sala. Pedro, com a escopeta preparada, vai até lá.

Acende a luz e se depara com... Papai Noel?

Sim, um homem vestido de papai Noel está ali na sua sala.

— Papai Noel, o que faz na minha casa?

— Vim trazer presentes, rou, rou, rou! – responde o velhinho, mostrando o seu saco vermelho.

— Como entrou aqui?

— Desci pela chaminé.

Ouvindo essa resposta, Pedro acerta um tiro de escopeta no peito do Papai Noel, que cai morto.

— Nesta casa não tem chaminé! – diz Pedro.

Foi diagnosticado com câncer. TRÊS MESES de vida. Apenas 25 de idade.

— Vou junto - disse a namorada.

Suicidou-se com veneno. Ele esperou. Não morreu, foi salvo pela quimioterapia. Recuperou-se.

Trocando de roupa, ele a viu no reflexo do espelho.

— Estou esperando. Você não vem?

Arranjou outra namorada. Quando completaram três meses de namoro, ela suicidou-se.

Acordou no meio da noite e viu suas duas ex.

— Estamos esperando. Você não vem?

Nenhum relacionamento durava mais que três meses. Elas sempre suicidavam.

— Estamos esperando. Você não vem? - perguntaram suas sete ex. Todas mortas.

Apaixonou-se de coração por uma bela moça. Amava-a como jamais amou. Marcou no calendário o dia.

Com duas semanas de namoro, a convenceu a se casar com ele. Um mês depois veio a confirmação da gravidez. Vendeu tudo o que possuía e colocou no nome da esposa.

Três dias antes de completar o terceiro mês em que a conheceu, suicidou-se.

No bilhete, escreveu o que deveria ter dito para sua primeira namorada:

— Viva e seja feliz sem mim!

Deito na cama. Beijo as costas de minha esposa.

— Agora não! – ela diz.

— Agora não o quê?

— Estou sem clima.

— Está sem clima, é?

— Estou.

Pego o revólver debaixo do travesseiro, e falo:

— Vou sair.

Fico andando pela calçada, atirando nas lâmpadas dos postes, gatos em cima dos muros e mendigos nos bancos de praças.

Como todos sabem, ontem foi 1º de abril, dia da mentira.

Daniel, meu amigo, me ligou depois do almoço.

— Batuta, me ajude! Cometi uma barbaridade – disse ele, com a voz desesperada.

— Calma, meu filho. Fale o que você fez.

— Minha mãe achou maconha na gaveta das meias e ameaçou ligar pra policia. Então eu a matei e a enterrei no quintal.

— Conta outra, Daniel! Eu sei muito bem que você nunca fumou maconha.

— Você não caiu, mas a policia sim.

— O quê?

— Eu liguei para a policia e contei a mesma coisa. Eles estão vindo pra cá. Quero só ver a cara dos policiais quando eu gritar: PRIMEIRO DE ABRIL!

— Daniel, você pode ser preso por isso.

— Preso pelo o quê?

— É crime passar trote na policia.

— Puta merda, você tem razão!

Daniel desligou o telefone. Cinco minutos depois, ele retornou:

— Pronto, resolvi o problema do trote.

— Ligou para a policia e falou a verdade?

— Melhor do que isso: matei minha mãe.

Ontem eu estava voltando do culto, e passando por uma ponte, vi uma moça sentada no parapeito olhando a correnteza do rio.

— Boa noite! O que faz aqui sozinha? – perguntei.

— Meu namorado largou de mim e agora estou pensando em me matar.

— Que triste... Você quer a minha ajuda?

— Mas eu nunca te vi na vida. Você nem me conhece.

— E onde está escrito que é preciso conhecer uma pessoa para ajudá-la?

— Sério? Você quer mesmo me ajudar?

— Se você quiser, é claro.

— Tudo bem.

Dei-lhe um empurrão e ela caiu no rio.

41

E se o dialogo fosse assim:

— Posso te contar um segredo?

— Pode.

— Eu vejo gente morta.

— Com que frequência?

— Sempre quando vou a um velório.

Daniel chegou em mim e me disse:

— Lembra da Juliana?

— O amor da sua vida, o que tem?

— Finalmente consegui o coração dela!

— Meus parabéns! E como conseguiu? Deu algum presentinho pra ela? A levou para jantar?

— Não, só tive que usar uma faca.

Quando acordou, o caixão já havia sido sepultado.

Daniel se apaixonou por uma mulher casada.

— Batuta, o que eu faço? Morro de amor por Paloma, mas ela é casada, é mulher de outro homem! - ele veio me dizer.

— Sinceramente, esqueça ela.

— Mas como, Batuta?

— Uma boa maneira de esquecer uma pessoa é evitar vê-la!

— Só que Paloma trabalha junto comigo.

— Sei lá, cara! Dá um jeito!

Uma semana depois, Daniel chega em mim e diz:

— Pronto, não vou ver mais Paloma!

— Ela saiu do emprego?

— Não.

— Você saiu do emprego?

— Não.

— Então o que aconteceu?

— Eu a enterrei. Agora nunca mais vou vê-la.

— Porra, Daniel, não era pra você matar mulher...

— Eu não a matei, ela estava bem viva quando a enterrei.

Ligou para a recepção.

— Manda a pessoa no quarto ao lado parar de gritar, sim?

— Senhor, não há ninguém hospedado no quarto ao lado.

— Não é possível, eu consigo ouvir pela parede.

— Deve ser uma assombração... E assombração é igual criança, se o senhor não der atenção, ela fica sem graça e não perturba mais.

Daniel conseguiu se ajeitar com uma mocinha chamada Vanessa.

— Ela é a melhor namorada do mundo – me dizia Daniel, com os olhinhos brilhando – ela não pega no meu pé, não reclama de nada, não olha para outro homem, ela só tem ouvidos para mim. É como se eu fosse o dono de Vanessa.

— E quando você vai me apresentar sua namorada especial? - perguntei.

— Vá em casa hoje a noite, vou preparar um jantar.

Fui na casa de Daniel na hora marcada.

— Então, cadê a Vanessa?

— Vem cá! - ele me chamou na cozinha. Abriu a geladeira e me mostrou o cadáver de uma jovem loira.

— O que acha? Um broto e tanto, não?

— Daniel, a sua namorada está morta.

— Mas não vá pensando que eu a matei. Coitada, ela suicidou-se. Por sorte eu a roubei do cemitério antes que virasse comida de vermes.

— Você não acha meio estranho namorar uma moça morta?

— Sei o porquê você acha estranho, Batuta. Eu também achei estranho na primeira vez, mas depois eu coloquei gel lubrificante.

“...Vou arrancar um pouco de sangue. Vai doer. É bom que doa. Se não doer, faça cara de que está doendo. Pode fazer isso por mim? Por nosso amor?...”

Contraí o rosto.

— O café é de ontem? Está frio! – diz o marido, depois de uma bebericada.

— Querido, há trinta anos, você me tirou da casa dos meus pais e obrigou-me a casar contigo, mesmo sabendo que eu amava outro.

— O que tem?

— Nunca lhe perdoei.

— E daí?

— A vingança é um café...

A xícara cai de suas mãos. O velho de setenta anos se ajoelha e começa a espumar pela boca. Balbucia:

— Me ajude!

Morre nos pés da esposinha.

49

— Vamos começar a autopsia do corpo 217.

Deitado na pedra fria, o rapaz diz:

— Doutor, eu estou vivo.

Mostrando o bisturi, o legista responde:

— Ainda.

Sou uma assombração. E como toda boa assombração, meu trabalho é assustar as pessoas – como se não bastassem os filmes de terror.

Se algum dia você morrer, por favor, não seja uma assombração... É chato pra cacete. Você não tem com quem conversar (a menos que apareça alguém que tenha o sexto sentido).

Outra coisa chata de ser assombração é que não há porra nenhuma para fazer... Você não pode ver TV, jogar vídeo-game, beber, sair para passear... Nem foder.

A casa que eu assombro ficou trinta anos sem um morador... Sabe o que é você assombrar uma casa sem moradores? É o mesmo que você entrar em uma boate e não ter dinheiro para pagar um programa – frustrante.

Mas quando há moradores, assombrar é muito divertido.

O trabalho de assombrar é bem fácil: tudo que você tem que fazer é chutar as portas; andar com passos pesados no corredor quando todos estiverem dormindo; desarrumar a gaveta das meias e cuecas; esconder as chaves do carro e o controle remoto; e de vez em quando, passar a mão na bunda de alguém.

Uma vez uma mulher veio morar aqui. Ela era um tesãozinho. Quase todos os dias eu ia espiar ela tomar banho. Teve um dia que eu escrevi no espelho embaçado “quero morder a sua bunda!”. Que arrependimento... Ela ficou tão assustada que acabou se mudando.

Acho que assombrar não é tanto fazer as pessoas ficarem com medo, talvez seja apenas carência. Sim, vida de assombração é uma vida solitária, por isso que temos que encher o saco das pessoas vivas, temos que chamar atenção, pois se a gente não assombrar, elas não vão se lembrar da gente.

Quando você escutar barulhos estranhos em sua casa, lembre-se que pode ser uma assombração pedindo por um pouco de atenção... Ou pode ser apenas que a sua casa esteja cheia de ratos.

